

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA BUSCA DA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA

Waldyleidy de Araújo Silva ¹

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos – EJA é uma modalidade de ensino, amparada por lei e “destinada àqueles que não tiveram oportunidades educacionais em idade própria ou que a tiveram de forma insuficiente, não conseguindo alfabetizar-se e obter os conhecimentos básicos necessários” (PAIVA, 1973, p. 16). Porém são pessoas que têm cultura própria. Sabe-se que o papel docente é de fundamental importância no processo de reingresso do aluno às turmas de EJA. Por isso, o professor da EJA deve, também, ser um professor especial, capaz de identificar o potencial de cada aluno. O perfil do professor da EJA é muito importante para o sucesso da aprendizagem do aluno adulto que vê seu professor como um modelo a seguir.

A abordagem do tema em estudo, objetiva então compreender as razões que levam o aluno da Educação de Jovens e Adultos evadir-se tão facilmente da sala de aula; a EJA no processo de cidadania e (re)integração social, bem como a perspectiva dessa modalidade em relação a inserção no mercado de trabalho.

Para que este trabalho fosse concretizado, inicialmente foi feita pesquisas de bibliografias ligadas à temática do assunto em questão que surgiu da necessidade de conhecer as razões que levam os alunos da EJA a se afastarem por um certo período e a (re)integração do mesmo à escola, bem como oferecer subsídios aos professores dessa modalidade de ensino. Entende-se que o professor que vai atuar com jovens e adultos deve ter uma formação adequada, que lhe permita compreender os anseios e necessidades dessa clientela peculiar. Para Arbache (2001, p.19) “a educação de jovens e adultos requer do educador conhecimentos específicos no que diz respeito ao conteúdo, metodologia, avaliação, entre outros para trabalhar com essa clientela heterogênea e tão diversificada culturalmente.”

O trabalho versa também sobre o processo de cidadania do jovem adulto dentro de um sistema de dominação, que castiga os menos favorecidos e atende aos interesses da minoria. É necessária uma pedagogia que conscientize e liberte, dando oportunidade a este de se enxergar como sujeito de sua história, buscando a melhoria das condições de vida e a garantia da sua reprodutividade.

Educar jovens e adultos, hoje, não é apenas ensiná-los a ler e escrever seu próprio nome. É oferecer-lhes uma escolarização ampla e com mais qualidade. E isso requer atividades contínuas e não projetos isolados que, na primeira dificuldade, são deixados de lado para o início de outro. Além disso, a educação de jovens e adultos não deve se preocupar apenas em reduzir números e índices de analfabetismo. Deve ocupar-se, de fato, com a cultura do educando, com sua preparação para o mercado de trabalho e como prevista nas Diretrizes Curriculares da EJA a modalidade tem como funções: reparar, qualificar e equalizar o ensino.

Nesta pesquisa, vislumbra-se, portanto, mais do que um trabalho acabado, mas um conjunto de reflexões de quem percorre um caminho de estudo teórico que ultrapassa os conhecimentos já disponíveis para, crítica e criativamente, aprofundá-los, entendendo que a questão da educação de jovens e adultos assume a perspectiva de inclusão em sociedades democráticas, e que esta inclusão passa a se dar pela conquista de direitos.

¹ Pedagoga, Mestre em Ciências da Educação, Professora – Instituto Federal do Ceará - IFCE, waldyleidysilva@hotmail.com

METODOLOGIA

O presente trabalho consiste numa pesquisa bibliográfica, com abordagem de estudos qualitativos através de leituras e análise crítica de alguns livros, revistas e artigos selecionados.

DESENVOLVIMENTO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) no processo de cidadania – (re)integração social

Pensar na educação e alfabetização de jovens e adultos é pensar na libertação intelectual e cultural das pessoas. É pensar em levar os sujeitos a assumirem sua cidadania com capacidade de pensar a realidade, entendê-la para poder agir conscientemente sobre ela.

O processo de alfabetizar perpassa o processo de compreensão do contexto em que os sujeitos estão inseridos. Portanto, não basta aprender a ler, mecanicamente, um texto, pois o importante é compreender o contexto em que o texto foi produzido. O ato de alfabetizar, como já dizia Freire (1996, p. 81) “passa, acima de tudo, pelo ato de ler e compreender o mundo que nos cerca.” Ou seja, a leitura do mundo precede a leitura de palavras, pois as palavras, por si só, não tem sentido. O que dá sentido às palavras é a carga subjetiva e cultural que cada realidade lhe atribui.

É preciso pensar a alfabetização como algo que possui um significado muito grande para os alfabetizandos, pois é o momento em que os mesmos começam a tomar consciência dos seus “eus” sociais.

Considerando a importância que a alfabetização tem para a vida dessas pessoas, é preciso compreender e valorizar cada ato desenvolvido pelos alfabetizandos, pois estes atos possuem um grande valor histórico/social dentro do processo que cada um vive.

O processo de releitura do mundo torna-se prazeroso para estas pessoas, pois é o momento de desmistificação de muitos dos mistérios de suas vidas. É o momento de elucidação daquilo que antes era impossível compreender e que, ingenuamente, era atribuído aos elementos sagrados, às crendices. Por isso a importância da alfabetização ser desenvolvida e encarada como uma atividade que promove a elucidação da vida, pois se trabalha com profundidade, mexe com diversos valores culturais, sendo capaz de despertar uma nova pessoa consciente do seu papel na comunidade.

Para compreender o valor da alfabetização e da própria educação para a vida dos jovens e adultos, é importante analisar o seu papel na afirmação da identidade destes sujeitos e do seu papel na construção/afirmação da cidadania.

Como já dizia José Neto:

A educação é um processo social de natureza cultural e a realização de um projeto pedagógico é uma decisão política. A escolarização como domínio dos instrumentos básicos, como domínio de capacidade laborativa e como domínio do saber científico e do fazer tecnológico é a condição de cidadania. É a cidadania e a capacidade de dirigir e/ou participar (ativamente) da direção da sociedade. A sociedade que queremos é aquela em que todos são cidadãos e não uma pequena elite. (NETO, 1988, p.55)

É pertinente lembrar que a escola reproduz em seu interior o que ocorre na sociedade, onde desigualdades não são eliminadas e sim, acentuadas. Contudo, ela pode batalhar para salvar a si mesma e cooperar para a transformação da sociedade na qual está inserida.

Para tanto, é preciso que ela seja democrática em todas as suas relações e que a educação constitua um elemento importante na mediação de um projeto de sociedade culta, crítica e civilizada.

A integração do homem aos papéis sociais – as responsabilidades profissionais, a participação nas organizações sociais – exige uma educação que considere a sua integração social, individual e coletiva. O trabalho, sem dúvida, é o maior instrumento para a integração social.

Portanto, alfabetizar torna-se um ato de desvendar os olhos das pessoas dessa máscara que as impede de perceber o mundo real e o mundo ideal e de se perceberem enquanto seres capazes de atuar politicamente dentro desses dois mundos, criando o seu próprio mundo.

Para Varallo:

As representações sociais devem ser analisadas criticamente, pois correspondem às situações reais da vida, uma vez que a visão de mundo dos diversos grupos expressa as contradições e conflitos presentes nas condições em que foram engendrados. Elas não são, necessariamente, conscientes, são as misturas das idéias das grandes massas, da elite, assim como da filosofia corrente. (VARALLO, 1999, p.9)

Na escola atual, quatro seriam os objetivos da educação, no que diz respeito à sua adaptação na sociedade. Seriam eles: a realização individual, conseguida através do desenvolvimento das potencialidades do sujeito; facilidade na adaptação à família e aos outros grupos sociais; despertamento para o trabalho e para as necessidades sociais; e motivação para exercer sua cidadania.

Quando falamos das relações do jovem com a sociedade, podemos entendê-las a partir do conceito das representações sociais, já que estas não podem ser compreendidas sem o contexto de sua produção, sem considerar as condições sociais implicadas na sua construção.

Como explica Guiomar Mello:

Significa dizer que um indivíduo adulto, inscrito numa situação social e cultural definida, tendo uma história pessoal e social não é um indivíduo isolado que é tomado em consideração, mas sim as respostas individuais enquanto manifestações de tendências do grupo de pertença ou de afiliação qual os indivíduos participam. (MELLO, 1993, p.108)

Em síntese, pode-se inferir que o maior motivo da procura da escola é a necessidade de fixação de sua identidade como ser humano e ser social. Somados a esses aspectos, devemos lembrar também que a escola é um espaço, especialmente, propício para a educação da cidadania: um espaço para se aprender a cuidar dos bens coletivos, discutir e participar democraticamente e desenvolver a responsabilidade pessoal pelo bem-estar comum.

A EJA como perspectiva de inserção no mercado de trabalho

Jovens e adultos que voltam a estudar têm uma característica em comum: o mundo do trabalho está presente em sua vida. Alguns querem uma ocupação mais bem remunerada, outros desejam simplesmente uma colocação no mercado. Nessa perspectiva, o trabalho e todas as discussões que surgem a partir dessa realidade constituem-se para esses alunos uma constante em suas vidas e devem ser um dos eixos condutores do ensino e da aprendizagem.

Com o passar dos anos, novas tecnologias foram criadas exigindo mão-de-obra cada vez mais qualificada. Além disso, várias famílias que moravam em zonas rurais migraram para os centros urbanos, uma vez que a economia, que era predominantemente agrícola, passou a concentrar suas atividades no comércio e na indústria. Diante desta realidade, o analfabetismo passou a ser reconhecido como problema, pois, até então, morando longe das cidades, o fato de não saber ler e escrever não dificultava a obtenção de emprego no cultivo de lavouras.

O analfabetismo é visto como uma grande barreira para a inserção no mercado de trabalho. Apenas quem tem a dimensão do que é ser analfabeto é somente quem o é. Nós não conseguimos imaginar o que é olhar para uma parede, ver umas letras e não entender o que está escrito. Parece que há uma falha do direito, uma dívida muito grande pelo fato de todos os cidadãos não poderem se apropriar do mundo escrito. Ser analfabeto, hoje, significa ter uma lacuna muito grande em relação à possibilidade da sua cidadania plena. Isso se dá pelo

fato de que grande parte da nossa história, dos valores, do conhecimento construído pela humanidade, da própria possibilidade da fantasia, poder ler romances, biografias, estão registrados no símbolo escrito. Então, conforme Nunes afirma:

Usurpa-se uma parte significativa da potencialidade da cidadania de uma pessoa, por não estar alfabetizada. Alfabetização no sentido de realmente poder expressar e conhecer o mundo, também, através da língua escrita; não alfabetização no sentido de simplesmente decodificar uma letra que junto com a outra, o que ela significa, mas poder compreender o que está escrito, conseguir se expressar por escrito. (NUNES, 2009, p.12)

Nesse contexto, a educação aparece como uma possibilidade de luta, uma reivindicação para que o homem possa fazer parte desse movimento de transformação. E a educação de adultos assoma como uma constante atualização e flexibilização dos conhecimentos e das habilidades frente à proliferação de sentidos, o que exige cada vez mais da capacidade de assimilação psicológica do ser humano.

No que diz respeito à educação profissional, afirma a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB no artigo 39: “A educação profissional e tecnológica, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia.”

A educação de adultos é uma necessidade tanto da comunidade como nos locais de trabalho. À medida que a sociedade se desenvolve, novas possibilidades de crescimento profissional surgem, mas, por outro lado, exigem maior qualificação e constante atualização de conhecimentos e habilidades.

Ao passo que a sociedade vai se desenvolvendo, surge a necessidade da escolarização e é bom que isso aconteça, pois a educação dos adultos favorece a educação das crianças e adolescentes, porque quanto mais os pais estudam, mais conscientes ficam da importância da educação e mais contribuirão para que seus filhos permaneçam na escola.

Se por um lado a educação tem assumido novos contornos em face das mudanças ocorridas na sociedade, por outro, a educação é a responsável pelo crescimento social, pois conforme as pessoas vão ficando mais escolarizadas, o nível de vida vai melhorando, as pessoas ficam mais conscientes, críticas e exigentes. E, com isso, vão melhorando as condições de higiene, alimentação, saúde, segurança e de satisfação pessoal, critérios bastante valorizados para quem almeja uma oportunidade no concorrido mercado de trabalho. Enfim, a educação possibilita o desenvolvimento da sociedade e nesse entendimento o ato de aprender a ler e a escrever pode ajudar uma pessoa a tornar-se livre.

Sabe-se que a educação é o instrumento que vai permitir às pessoas buscarem uma melhoria de vida, capacitando-as para competir no mercado de trabalho, bem como reconhecer seus direitos.

Para que aumentem as possibilidades individuais de educação, e para que se tornem universais, é necessário que mude o ponto de vista dominante sobre o valor do homem na sociedade, o que só ocorrerá pela mudança de valorização atribuída ao trabalho. Quando o trabalho manual deixar de ser um estigma e se converter em simples diferenciação do trabalho social geral, a educação institucionalizada perderá o caráter de privilégio e será um direito concretamente igual para todos. (PINTO, 2000, p.37)

Portanto, a educação de jovens e adultos não é uma questão de solidariedade. É uma questão de direito. E mais: essa inclusão do jovem e do adulto no sistema de ensino precisa ser acompanhada de uma nova qualidade, não uma qualidade formal, mas uma qualidade social e política.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É muito comum, ainda, a concepção de que a partir de certa idade já é tarde para se estudar. Contudo, há histórias de vida que têm mostrado justamente o contrário: a garantia da educação de qualidade para jovens e adultos tem permitido mudanças nos relacionamentos dos sujeitos envolvidos, abrindo novas possibilidades profissionais. A revista Nova Escola divulgou a história de Antônio Carlos Máximo, 50 anos, secretário adjunto da Secretaria de Educação de Mato Grosso, ex-aluno da EJA.

Fiquei apenas um dia na primeira escola, aos 7 anos. A vida de minha família camponesa era mudar de lavoura para lavoura. Por isso, minha história escolar foi um grande vai-e-volta, em trocas que aconteciam no meio do ano letivo. Passei por 13 escolas, todas rurais e multisseriadas. Terminei a 8ª série com 22 anos, enquanto ajudava na roça. Quando fui para Ourinhos, em São Paulo, trabalhei como pintor de paredes e comecei a fazer supletivo. Decidi, então, não parar mais de estudar. Aprendi matemática graças a um professor que soube mostrar a teoria existente na realidade em que vivíamos. Ele sabia que a maturidade fazia aumentar a conexão das informações, deixando o conteúdo mais fácil e significativo. Segui em frente, fiz mestrado e doutorado em Filosofia na Universidade de São Paulo e agora me preparo para o pós-doutorado. (GENTILE, 2003, p.42)

Esse exemplo mostra que a educação é um instrumento que permite mudança na vida de todas as pessoas, independentemente da idade ou classe social. Estudar pode não resolver todos os problemas sociais nem acabar com a injustiça social, mas é o meio pelo qual a pessoa pode reescrever sua própria história.

Diante dessa realidade, Paulo Freire ressalta a importância da dignidade vinculada à existência humana, sendo isso um ponto de partida para uma reflexão sobre um olhar filosófico acerca da alfabetização, que por sua vez, está imbricado a ética e ao sonho coletivo.

A existência humana é que permite, portanto, denúncia e anúncio, indignação e amor, conflito e consenso, diálogo ou sua negação com a verticalidade de poder. Grandeza ética se antagonizando com as mazelas antiéticas. É exatamente a partir dessas contradições que nascem os sonhos coletivamente sonhados, que temos as possibilidades de superação das condições de vida a que estamos submetidos como simples objetos para tornar-nos todos e todas seres mais (FREIRE, 2001, p.14)

A compreensão da realidade e o vislumbre do ideal possibilita a escolha de decidir por si mesmo, assim como lutar pelos sonhos para que se tornem realidade. Aquele que antes era excluído, marginalizado, pode converter-se num sujeito de direitos, podendo sentir-se gente e não coisa/objeto.

Desse modo, a educação humanizadora sensibiliza a ponto de desenvolver a cidadania e a ordem social. Os resultados discutidos até aqui mostram o caráter de uma educação que respeita o outro, independente de sua posição social. Portanto, ensinar os jovens e adultos a lerem e a escreverem está relacionado com permitir um mundo mais democrático e justo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos estudos feitos a respeito da temática abordada nesse resumo expandido, foi possível rever alguns aspectos da educação de jovens e adultos, tais como o processo de cidadania e de (re)integração social, a inserção no mercado de trabalho, além de constatar que a EJA é uma educação necessária e importante.

Diante do exposto, foi possível compreender que a clientela evade da sala de aula por força da necessidade de trabalhar pela sobrevivência e que retorna por exigência do próprio trabalho; que a educação de jovens e adultos requer metodologias específicas, por se destinar

a uma clientela com características peculiares; que o aluno dessa modalidade de ensino tem o direito a uma educação de qualidade que seja capaz de promover o exercício da plena cidadania, onde haja restauração da dignidade, permitindo assim o desenvolvimento, não como uma dádiva, mas como uma conquista.

É oportuno lembrar que todos podem e devem contribuir para o desenvolvimento da EJA: os governantes devem implantar políticas integradas, as escolas devem elaborar um projeto adequado para seus próprios alunos e não seguir modelos prontos, os professores devem estar sempre atualizando seus conhecimentos e métodos de ensino e os alunos devem sentir orgulho da EJA e valorizar a oportunidade de estudar e ampliar seus conhecimentos. À sociedade cabe colaborar com a EJA não discriminando essa modalidade de ensino nem seus alunos, e por fim, as pessoas em geral que conhecerem um adulto analfabeto deve falar da importância da educação e incentivá-los a procurar uma escola que atenda a jovens e adultos.

Assim, coloca-se o presente trabalho como objeto de estudo necessário a todos os envolvidos no ensino da Educação de Jovens e Adultos, acreditando na contribuição para uma compreensão crítica, reflexiva e avaliativa da prática pedagógica.

Palavras-chave: Educação, Alfabetização, Cidadania, Desenvolvimento, Trabalho.

REFERÊNCIAS

ARBACHE, Ana Paula Bastos. **A formação do educador de pessoas jovens e adultas numa perspectiva multicultural crítica.** Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. Papel Virtual Editora, 2001.

BRASIL/MEC. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios/Paulo Freire.** 5ª Ed. Editora Afiliada. São Paulo, Cortez, 2001.

GENTILE, Paola. **Educação de Jovens e Adultos – Histórias de Vida.** Nova Escola, ano XVIII, nº 167, nov. 2003, p. 42.

MELLO, Guiomar Namó de. **Cidadania e competitividade – Desafios educacionais do terceiro milênio.** São Paulo, Cortez, 1993.

NETO, Francisco José da Silveira Lobo. **A teleducação e a realidade socioeducacional do Brasil.** Tecnologia educacional, Rio de Janeiro, 1988.

NUNES, Ana Ignez B. L; SILVEIRA, Rosemary do Nascimento. **Psicologia da Aprendizagem: processos, teorias e contextos.** Brasília: Liberlivro, 2009.

PAIVA, Jane. **Desafios à LDB: Educação de Jovens e Adultos para um novo século. Múltiplas leituras na nova LDB,** 1997.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos.** São Paulo, Cortez, 2000.

VARALLO, S. e A. Al. **Valores e perspectivas: o jovem frente à educação e os mundos do trabalho.** São Paulo, Centros de Ciências Jurídicas, Humanas e Sociais, 1999 – 2000.